

ONU: número de refugiados cai 18%

Direitos Humanos

Fim dos conflitos no Afeganistão e em Angola contribui para redução do problema, que ainda atinge 17,1 milhões

Flávio Henrique Lino

• Maka Mousa correu a noite toda para escapar das milícias paramilitares e dos soldados que atacavam sua aldeia, Hillelia, no oeste do Sudão. Para trás deixou o corpo do marido morto, um filho de 5 anos e uma filha de 3, perdidos na confusão. Dois dias depois, exausta e aterrorizada, cruzou a fronteira do Chade, onde passou a fazer parte de um grupo que reúne 17,1 milhões de pessoas em todo o planeta: os refugiados. Mas apesar do sofrimento comum a tanta gente, a ONU celebra amanhã o Dia Mundial dos Refugiados com uma boa notícia: em 2003 o número de pessoas asiladas sob seus cuidados caiu 18%.

Segundo o Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur), o número atual é o mais baixo em uma década. Uma das razões para a queda acentuada foi o fim de dois grandes conflitos que se arrastavam há décadas, em Angola e no Afeganistão. No país africano, desde o término da guerra entre a Unita e o governo em 2002, cerca de 3,7 milhões de pessoas voltaram a seus lugares de origem. Já no Afeganistão, onde ainda ocorrem ataques, mas se encerrou o conflito que devastou o país durante mais de duas décadas, outros 3,5 milhões de refugiados retornaram.

Apesar dos números encorajadores, o problema dos refugiados está longe de ter solução.

Novos conflitos ou o agravamento de outros já em curso ameaçam piorar a situação precária de populações que vivem em áreas de marcada tensão. No Sudão, enquanto há uma perspectiva de paz entre o governo e os rebeldes do sul após 21 anos de guerra civil, na região de Darfur, no oeste, ataques de milícias e soldados do Exército a aldeias levaram um milhão de pessoas a fugirem de suas casas.

11 de Setembro tornou mais difícil obter asilo

O desafio imposto pela questão dos refugiados não termina aí. Para a ONU, um dos maiores problemas é garantir a integração do refugiado na sociedade

que o acolhe e depois sua reintegração ao retornar ao lar.

— É necessário que o refugiado se sinta em casa e possa desenvolver suas qualidades a fim de contribuir de forma produtiva para o país que lhe dá asilo — explicou ao GLOBO o representante do Acnur no Brasil, Luis Varese.

No Sudão, por exemplo, o fim da guerra civil — se um acordo de paz for realmente assinado — poderá levar ainda este ano 800 mil pessoas de volta às suas aldeias no sul. A ONU já estimou em US\$ 800 milhões a quantia necessária para reassentar os refugiados ali e lidar com o problema de Darfur.

— As pessoas que retornarem enfrentarão importantes

desafios e privações. Em termos de assistência, ainda é uma área muito baseada em sobrevivência, mais do que em desenvolvimento — advertiu o vice-coordenador humanitário do Acnur no Sudão, Bernt Aasen.

Além da integração dos refugiados, uma outra questão de extrema importância, ressalta o representante do órgão no Brasil, é garantir que os caminhos da busca da proteção em outras terras continuem abertos aos necessitados. Algo que, segundo o equatoriano Varese, ficou mais difícil nos países mais desenvolvidos após os atentados do 11 de Setembro nos Estados Unidos.

— A preocupação de vários países com a segurança é váli-

da, mas é preciso encontrar um equilíbrio entre ela e o direito humanitário do refugiado de buscar proteção — pondera.

Países industrializados aumentaram restrições

O Acnur registrou decréscimo nos pedidos de asilo em 29 países industrializados em oito dos dez últimos trimestres, sendo que no primeiro de 2004 houve 92.700 pedidos, contra 110.600 no último de 2003. Parte dessa queda se deve às novas restrições.

— As pessoas estão tendo problemas para entrar na União Européia. Algumas delas não deveriam entrar, mas outras deveriam — critica o porta-voz do Acnur, Ruperto Colville. ■